

Pode acender a luz

Ana Carolina de Oliveira Marques

[UFPB/ANPEGE/PPGEO-UEG. Grupo Dona Alzira]

É preciso voltar a escrever. Crônicas, por favor!

Lembro-me da primeira: Paulo Freire no canteiro de obras. Estava eu, na janela, observando paredes se levantarem com o movimento preciso e repetitivo de trabalhadores:

joga a massa, assenta o tijolo, retira o excesso de cimento, confere o prumo.

Na segunda – ah, foi um parto doloroso – dei forma a meu arrebatamento diante do relato da chacina *Sollar Bouganville*, e a violência policial que saqueou o sorriso, distraiu o olhar e esvaziou o abraço das mães de quatro jovens negros na periferia de Goiânia. Outras crônicas se seguiram.

Cada uma com o seu acontecimento de fundo, incluídos os festivos.

Há sempre atividade humana no conhecimento – princípio da pedagogia histórico-crítica.

Há sempre atividade humana latente nas crônicas. Nas minhas e nas dos demais colunistas. Pois bem, segue mais uma. Esta crônica captura o comando de uma colega: “*pode acender a luz*”.

Vou contar a história do início. Aprovei um projeto no âmbito do Ministério da Educação para formação continuada de gestores escolares.

Foram três projetos aprovados da mesma universidade.

Fomos comunicados que a coordenação seria integrada, inclusive a gestão do orçamento. Fodeu.

Como se fosse pouco, elegeram entre nós aquela que seria a coordenadora geral.

Estabeleço um contato por e-mail e a “chefe” confirma a primeira reunião. Trocamos Whatsapp.

Antes da reunião, ela me liga. Há meses só recebia ligações de “*robocalls*”. No final da ligação, abro a foto de seu perfil e vejo uma mulher de aproximadamente 40 anos, rosto inclinado para baixo, andando na areia da praia. Alívio: ela gosta de mar, não deve ser tão chata.

Mas se ela não gostar de mim, as coisas ficarão complicadas. Fiz minha parte: fui vestida em calça de linho estilo executiva, cabelo solto para parecer mais velha, cheguei com cinco minutos de antecedência (antecedência demais pode transparecer nervosismo, pensei).

Toco a porta de sua sala e sou recepcionada pelo visitante. Timidamente, sento e aguardo minha vez na sala escura. Ele sai. Ela se levanta, vem ao meu encontro, abraça-me e diz: “*que bom ter mais uma aliada na promoção da educação inclusiva! Precisamos tanto! Olha, você tem total autonomia para gerir seu projeto, eu jamais interferiria. Seja bem vinda a esta trincheira.*”

E subitamente complementa em tom de brincadeira:

“*ah, pode acender a luz, a escuridão é só para mim, pessoa cega*”.

Os mais preciosos valores humanos estavam ali,
no início desta longa e compartilhada caminhada de aprendizagem e luta.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.